



Espaço Aberto

As editoras ainda podem contribuir com a BNCC

Anna Penido, diretora do Instituto Inspirare, participa do Movimento pela Base Nacional Comum desde a sua criação, há três anos. Seu foco de atuação sempre foi a educação integral e a importância de focar a formação plena do ser humano, e não apenas as questões cognitivas: “A vida pede muito mais, a educação precisa desenvolver o indivíduo como um todo, com as habilidades para o mundo do trabalho e para a cidadania, como ser político e social”, ela diz. Acredita que a Base é fundamental, uma questão de direito e de garantir

equidade e qualidade na educação. “Queríamos que a Base apontasse para o futuro com conhecimentos, habilidades e atitudes importantes para o século 21.”

Agora, o Movimento pela Base Nacional Comum vai acompanhar as audiências do Conselho Nacional de Educação – CNE, que começam em julho, e oferecer subsídios à terceira versão da Base Nacional Comum Curricular – BNCC, resultantes da análise propositiva realizada durante todo esse tempo.

Nessa entrevista exclusiva para o **ABRELIVROS em Pauta**, Anna fala sobre a importância de alinhar os materiais didáticos com o texto introdutório do documento, e sobre a necessidade de inovar e de usar o digital para atualizar o conteúdo impresso. Afirma também que as editoras ainda têm tempo para contribuir e propor soluções. Confira!

Ao falar em educação integral, a BNCC menciona a “superação da fragmentação radicalmente disciplinar do conhecimento”, mas a BNCC continua organizada em componentes curriculares. Como os materiais didáticos, estruturados nesses componentes, podem contribuir para essa superação?

Os mais progressistas queriam que a Base já não fosse dividida

por componentes curriculares. Mas entendemos que é preciso construir pontes, porque se fizer uma coisa muito lá na frente ela não seria conectada com os professores, os gestores, enfim, com quem trabalha no mundo da educação. Mas o que pode assegurar de fato que mais uma vez isso não se fragmente e cada um faça o seu quadrado? O capítulo introdutório da Base é uma das coisas mais fundamentais, porque ele estabelece qual é o paradigma educacional que se quer para o país. Enfatiza que o foco não pode ser no conteúdo, o foco tem que ser na competência. O desafio é conseguir que o que está escrito e descrito no capítulo introdutório possa estar espelhado, e de forma coerente, no restante da Base. Esse é um desafio que ainda não foi totalmente alcançado, mas estamos trabalhando para tentar ajudar.

Poderia falar sobre as competências gerais?

Temos dez competências gerais que são justamente a descrição do ser humano que se quer formar e entregar para a sociedade. Tem que ter conhecimento para entender e intervir na realidade, pensamento crítico, criativo e científico para ajudar a resolver problemas; senso estético no sentido de apropriação dos bens culturais e artísticos; argumentação, porque precisamos exercitar nossa capacidade de usar dados e justificar nossa opinião; comunicação para entender e interpretar em múltiplas linguagens; a cultura digital não é só a informática, mas saber lidar com esse mundo digitalizado, com as relações, com os processos criativos e produtivos. E temos as competências mais ligadas ao socioemocional, como a capacidade de estabelecer um projeto de vida que vai trazer mais liberdade de escolha, empatia, colaboração, autoconhecimento e autocuidado para lidar com o corpo e as emoções, bem como a questão da autonomia e responsabilidade.

Essas questões todas não são disciplinares no sentido tradicional. Se de fato elas são entendidas como o objetivo maior da escola, e obviamente isso depende de vários fatores além da escola, todo mundo tem que trabalhar junto para garantir que isso aconteça. Tem que planejar junto, inovar e mudar as abordagens pedagógicas, pois você não desenvolve essa capacidade com aula expositiva e livro didático tradicional.

E como entram os livros didáticos nessa mudança?

Especificamente para os editores, eu diria que vai chegar primeiro quem conseguir de fato desenvolver materiais que enfatizem e inovem na metodologia. Agora o foco não é mais o conteúdo, tem que ser como trabalhar o conteúdo para desenvolver a competência. Para isso, há que se fazer os cruzamentos. No primeiro ano tem as habilidades que devem ser desenvolvidas, o que eu posso juntar, qual a melhor forma para levar ao desenvolvimento das competências. Quem produzir esse tipo de material é que vai se destacar.

Mas temos uma dificuldade: o professor não foi formado para isso. Por isso que eu digo que o material pode ajudar a orientar o professor a ter novas abordagens multidisciplinares, mais críticas, mais “mão na massa”, vendo o aluno mais como protagonista. Aí ele vai desenvolver conhecimento, habilidade e atitude simultaneamente. É o que vai fazer mais sentido e vai responder muito mais à demanda que o mundo está trazendo. E se for para trabalhar com projeto, os materiais didáticos não podem só mostrar como é que se faz um projeto, tem que mostrar como é que se trabalha com essa perspectiva em que o protagonista é o aluno. Se os editores continuarem fazendo livros conteudistas, não estarão seguindo o que está estabelecido como premissa no texto introdutório da Base. E eles não vão se diferenciar e não vão ajudar a dar o salto. O edital do PNLD 2019 já foi feito com base no que está no documento. É preciso cuidado para não adaptar da maneira mais fácil, que é apenas fazer um “DE-PARA” entre o material que já existe e as competências que estão definidas pela Base. Essa vai ser a solução rasteira e que não vai se diferenciar. Quem vai se diferenciar é quem vai poder oferecer o “pulo do gato”.

Vai ser um grande desafio para as editoras, pois não há clareza ainda do tempo que terão para elaborar as obras.

Eu acho que tem uma outra questão para as editoras que não pode ser desconsiderada: hoje você tem também o digital como possibilidade. Então, num material físico você pode ter algumas coisas que depois dialogam com o digital, que vai sendo atualizado e aprofundado. Sabemos que nas escolas ainda não temos uma internet tão veloz, que falta uma conectividade para os alunos, mas você tem os professores, dentro ou fora da escola, com mais acesso. Vemos que isso vem aumentando. Vai sair o resultado da pesquisa TIC Educação em breve. Não adianta mais pensar em material só físico, é necessário um “bem bolado”. Não dá tempo para fazer tudo no físico? Então põe no físico a parte mais estruturante e vai atualizando com uma série de anexos no digital, que vai alimentando, ampliando, nem que você tenha no próprio livro o login para ter acesso ao digital, se é que isso é possível. Eu digo que é uma oportunidade para o país, mas para as editoras é uma grande provocação. Educação hoje clama por inovação. O que está acontecendo nas escolas é muito patente que não está funcionando mais. Isso está sendo dito o tempo todo. Também não adianta digitalizar o tradicional, não adianta pegar o livro e fazer digital, reproduzir na mídia digital os modelos com uma roupagem diferente de digital. É preciso mudar a lógica. As editoras também devem fazer sua parte e propor soluções.

Que dicas você daria para os editores?

A primeira dica para os editores é pegar aquele texto introdutório e devorar, porque é dali que vem o diferencial. A mandala das dez competências é aquilo que toda escola precisa expor na parede para entender o que se quer da educação. Acho que também as editoras têm que ter na parede para entender como elas podem ajudar as escolas, com aquela perspectiva, e fazendo os cruzamentos das competências gerais e as competências por área. Como é que eu lanco ali sugestões de abordagem metodológica para eu poder desenvolver essa aplicação do conhecimento. E como, nessas abordagens metodológicas, eu envolvo desafios e atividades que também vão desenvolver as atitudes. O material deve promover o desenvolvimento nessas



três instâncias: conhecimento, habilidade e atitude.

As editoras que têm grupos potentes de especialistas devem analisar e contribuir participando mais. Nesse processo todo, eu vi as editoras muito mais esperando o que ia acontecer do que contribuindo. Justamente porque ainda é possível propor mudanças na terceira versão é que as editoras podem opinar e analisar incoerências. É obrigação delas

porque também compromete a qualidade do material didático. Ninguém vai ler o edital, só as editoras.

Muitas vezes as editoras foram culpabilizadas por muita coisa que era recomendação do governo.

Agora ainda é possível evitar isso.

Há casos bem-sucedidos de desenvolvimento de educação integral em escolas brasileiras?

Tem um site que é só sobre isso, o www.educacaointegral.org.br, que mostra que temos muitos casos. Claro que não temos uma escola ou uma rede que faz tudo, mas temos muitos casos inspiradores. As questões socioemocionais nós aprendemos mais pelo exemplo, vendo e vivendo, do que pela teoria. Precisamos quebrar o paradigma daí, pois não se pode inventar uma disciplina de questões socioemocionais. Por exemplo, quando você está trabalhando corpo humano, ele dá uma série de possibilidades para trabalhar. Como cuidar do meu corpo, como apreço, como desenvolvo a autoestima em relação a ele, como me afastar de situações que coloquem em risco o meu corpo, os biotipos diferentes e como aprendo a conviver com isso sem intensificar preconceitos.

O ambiente da escola tem que ser coerente, não?

Claro, às vezes tem um professor que é coerente, mas o diretor não é ou as regras da escola não são. Então fica tudo esquizofrênico. Tem que ter conhecimento para juntar todas essas competências, habilidade para desenvolver práticas novas e atitudes novas para lidar com tudo isso. Há uma correspondência entre o que se quer desenvolver nos alunos e o que se quer desenvolver nos educadores para darem conta dessa missão. É uma nova missão. Não é que a escola vai fazer o trabalho da família ou do vizinho. Dentro desse recorte tem um papel que é da escola, mas na educação integral você envolve outras pessoas, outros espaços.

O que, em sua visão, pode facilitar a implantação da BNCC?

Tem uma questão importantíssima que é construir referências, casos e práticas inspiradoras, depoimentos de professores que estão fazendo o que todo mundo faz, outros países fizeram. Já tem coisa produzida e as pessoas precisam se apropriar do que foi produzido, em vez de ficar tentando inventar a roda. A segunda parte é de fato a gente ter formações muito mais autorais. Como essa mudança parte de uma necessidade de transformação cultural, não vai adiantar só instrumentalizar as pessoas.

É importante que os processos sejam transformadores, para que os professores se coloquem em uma posição de curador, moderador, designer da aprendizagem. Para isso, o professor deve conseguir experimentar ou cocriar algumas coisas. O livro não precisa dar o passo a passo do que ele deve fazer com todos os componentes curriculares e em todas as competências. O livro pode dar uma série de caminhos que ele vai reconstruir. Não adianta também fazer formação padronizada, pasteurizada. Se para o aluno precisa personalizar, para o professor também precisa. Temos recursos para isso, inclusive as plataformas de diagnóstico.

Não deverá ser feita uma campanha nacional para que as pessoas abracem a BNCC?

A implementação da Base exige algumas etapas. A primeira delas é essa da comunicação. Da reforma do Ensino Médio todo mundo fala, mas sobre a Base não, talvez porque seja um assunto mais complexo. Precisamos popularizar essa conversa. Tornar a Base pop, para que os pais entendam e cobrem da escola, para que os alunos e professores saibam o que se espera deles. A segunda questão é a de formação do professor, que tem que se comprometer e ter subsídios para a implantação da BNCC. Depois disso entra o terceiro fator: o desenvolvimento de materiais didáticos adequados, que não podem ser só físicos ou conteudistas, eles devem ajudar a implantação e a formação docente. E vamos ter que mudar as fórmulas de avaliação.

Quais os maiores problemas na implantação da Base?

O maior risco é de termos uma boa Base que vai ser de alguma maneira ou subimplementada ou não implementada, que é o que acontece com a maior parte das políticas públicas e leis do nosso país. O diabo mora na implementação, como eu brinco. A sociedade pode rejeitar, desprezar ou não compreender isso. Um segundo risco é o professor não conseguir dar o salto ou não se sentir preparado. O terceiro risco é os materiais continuarem os mesmos, e, em vez de ajudarem na mudança, puxarem para trás.

Podemos aprender com a experiência de outros países?

A Austrália juntou todo mundo para fazer coletivamente, os professores, as províncias, os especialistas. Eles fizeram primeiro um pacto do que se queria com a educação, e depois envolveram as pessoas com as competências definidas. Não sei os materiais físicos, mas todo o currículo deles é digital. Na Base estão os descritores de cada habilidade e o objetivo de aprendizagem, e há uma plataforma, um grande banco de atividades. Eles montaram uma rede de professores do país inteiro que vão criando esses materiais, até de forma colaborativa, para incluir no acervo.

Já nos Estados Unidos não houve grande participação coletiva, e a alta exigência trouxe problemas à implantação da Base deles.

E, para finalizar, o que faltou na terceira versão da nossa BNCC?

Fora a questão de terem tirado a expressão orientação sexual que não precisava tirar, por pressão forte de grupos conservadores da sociedade – e não podemos ficar reféns disso, porque o mundo andou, precisamos pensar em como isso se recompõe de alguma maneira –, o que faltou mesmo foi esse olhar de pegar a parte introdutória e assegurar que a parte seguinte está coerente com ela, com a visão integral, com a visão macro de competências. Acho que nesse ponto ainda temos duas bases. Alguns componentes caminharam mais próximos, mas é uma questão de ajustar, e não de refazer. Eu vejo muita coisa que foi preservada, que foi melhorada. Ainda tem excessos, talvez esteja sobrando mais do que faltando. Até porque a Base não é para ser o todo. E agora não temos mais tempo de ficar problematizando para o MEC resolver, agora é tempo de solucionar, ser capaz de propor, e não só de reclamar.

Notícias

Debate sobre a BNCC na Câmara

Dia 1/6 a Comissão de Educação da Câmara dos Deputados realizou um seminário para debater a versão final da Base Nacional Comum Curricular – BNCC. A íntegra da discussão está disponível em [vídeo](http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/webcamara/videoArquivo?codSessao=65786).

<http://www2.camara.leg.br/atividade-legislativa/webcamara/videoArquivo?codSessao=65786>

A nova revolução educacional com que a Finlândia quer preparar alunos para a era digital

O país passou a repensar seu modelo diante da era digital. Como parte disso, tem focado seus esforços tanto no ensino de habilidades quanto no de matérias. [Confira](http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40127066).

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-40127066>

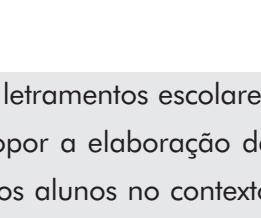
PNLD 2019

Com atraso, foi publicado dia 12/6 a minuta do edital do PNLD 2019. A comissão editorial da Abrelivros e representantes dos associados se reúnem na manhã do dia 19 para analisar o documento e as dúvidas enviadas pelos seus associados sobre o edital. As questões e considerações da entidade serão enviadas para o MEC e serão respondidas durante uma audiência pública marcada para o próximo dia 22 em Brasília. [Confira a minuta do Programa Nacional do Livro Didático \(PNLD\) 2019](http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/10988-pnld-2019?utm_source=PublishNews&utm_campaign=c4ca42077a-MAIL_CAMPAIGN_2017_06_14&utm_medium=email&utm_term=0_598a87e1b7c4ca42077a-51839609).

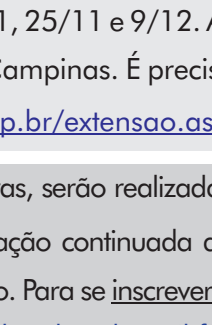
http://www.fnde.gov.br/programas/livro-didatico/livro-didatico-editais/item/10988-pnld-2019?utm_source=PublishNews&utm_campaign=c4ca42077a-MAIL_CAMPAIGN_2017_06_14&utm_medium=email&utm_term=0_598a87e1b7c4ca42077a-51839609

Espaço dos Associados

✓ A Macmillan Education está presente na 15th BRAZ-TESOL International Conference, que acontece de 14 a 16 de julho em Brasília. Além de apresentar as novas coleções Loop e On the Beat, estarão presentes os autores Robert Campbell e Elaine Hodgson.



✓ O presidente da União dos Dirigentes Municipais de Educação do Estado de São Paulo – Undime-SP, professor Luiz Miguel García, esteve em Curitiba no dia 29 de maio para uma visita ao Grupo Educacional Opet. O professor Luiz Miguel – que também é secretário municipal de Educação de Sud Menucci, município do noroeste paulista – reuniu-se com o presidente do Grupo Educacional Opet, professor José Antonio Karam, e conheceu a Cidade Mirim Opet, projeto pedagógico que norteia a proposta de educação cidadã Opet, selo educacional Sefe. A Editora Opet é parceira institucional da Undime-SP.



Agenda

Multiletramentos na Escola Pública O curso de extensão visa discutir as relações entre letramentos escolares grafocêntricos e letramentos hipermediáticos no Ensino Fundamental II e Ensino Médio, e propor a elaboração de projetos de ensino que possam fomentar e estimular a construção de práticas multiletradas dos alunos no contexto escolar. Será aos sábados, das 14 às 18 horas, nos dias 12/8, 26/8, 16/9, 30/9, 7/10, 21/10, 11/11, 25/11 e 9/12. As aulas serão no Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp, à Avenida Júlio de Mesquita, 840, Campinas. É preciso ter nível superior completo. [Hot site do curso](http://www.extecamp.unicamp.br/extensao.asp).

www.extecamp.unicamp.br/extensao.asp

Palestras de formação de educadores do IBFE De 31 de maio a 5 de julho, sempre às 21 horas, serão realizadas palestras gratuitas, promovidas pelo Instituto Brasileiro de Formação de Educadores – IBFE, de formação continuada de professores e gestores educacionais. Local: Alameda Santos, 2441, Conjunto 91, Jardim Paulista, São Paulo. Para se inscrever www.ibfeduca.com.br/sp/1/agenda e programação <http://porvir.org/acontece/palestras-de-formacao-de-educadores-ibfe/>

Conversas sobre a BNCC em Práticas de Linguagem Patrícia Diaz e Sandra Medrano, da Comunidade Educativa CEDAC, vão proferir palestras gratuitas para os primeiros inscritos nos cursos dos dias 26 e 27 de julho, Escola da Vila unidade Morumbi, Rua Alfredo Mendes da Silva, 55. A proposta é abrir espaço para refletir sobre o ensino da língua portuguesa, sobre as concepções de ensino e de aprendizagem que estão por trás das orientações apresentadas nas versões da BNCC de língua portuguesa. [Confira](https://cfvila.com.br/INVE172C10).

<https://cfvila.com.br/INVE172C10>

A Reforma do Ensino Médio e a formação de professores Palestra programada para dia 19 de junho, às 14 horas, na Faculdade de Educação da USP, com inscrição gratuita. Participarão o sociólogo Cesar Callegari, Celso João Ferretti, membro do Centro de Estudos Educação e Sociedade, e o professor Nélcio Bizzo. Informações pelo e-mail mgneira@usp.br. Inscrições online. http://www3.fe.usp.br/secoes/inst/novo/agenda_eventos/inscricoes/01.asp?num=3246